

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP



Nº. de referência: 658

Título: "A PEREGRINA"

Título da Série: MINI-TEATRO

Autor (obra original): YEATS, W. B.

Adaptador: REBELLO, LUIS FRANCISCO

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: ?

Data de Emissão: ?

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
	PETER GILLANE
	MICHAEL GILLANE
	PATRICK GILLANE
	BRIGITH GILLANE
	DELIA CAHEL
	A PEREGRINA
	VIZINHOS

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Rebello

(V.S.F.F.)



Notas:

- NÃO EXISTE REGISTO DOS NOMES DOS ATORES

Indexação: - TEATRO RADIOFÓNICO

"A PEREGRINA"

Autor: W. B. Yeats

Tradução:Luís-Francisco Rebello

Personagens: Peter Gillane

Michael Gillane, seu filho

Patrick Gillane, de 12 anos, irmão de Michael

Brigith Gillane, mulher de Peter

Delia Cahel, noiva de Michael

A Peregrina

Vizinhos

(Interior de uma casa campesina, nas cercanias de Killala, no ano de 1798. Brigith de pé, junto de uma mesa, desfaz um embrulho; Peter está sentado a um canto da lareira, e Patrick ao outro)

Peter- Que barulho é este?

Patrick- Não oiço nada... (Escuta). Ah, sim, agora estou a ouvir. Parece que batem palmas... (Dirige-se à janela e espreita para fora) Não se vê ninguém.

Peter- Talvez seja alguma zaragata.

Patrick- Não, não deve ser. É lá em baixo, na cidade.

Brigith- Serão os rapazes a jogar.- Vem cá, Peter, anda ver o fato de casamento do nosso Michael.

Peter- (aproxima-se com o seu banco da mesa) É na verdade um lindo fato.

Brigith- Quando te casaste comigo não ias assim tão bem vestido, Peter... E o fato que punhas ao domingo era o mesmo que usavas durante o resto da semana.

Peter- Lá isso... Nunca a gente imaginou que um filho nosso vestisse um fato destes no dia do seu casamento, nemque viesse a ser tão bom partido.

Patrick (que continua à janela)- Vem uma velha a subir o atalho. E pelos modos vem para aqui.

Brigith- Será alguma vizinha que quer saber notícias do casamento do Michael. Não distingues quem é?

Patrick- Não parece ser daqui.- Não, não vem para cá. Deu a volta pelo caminho que vai dar ao terreiro onde o velho Maurteen e os filhos estão a tosquiar as ovelhas. (Voltando-se para Brigith): Lembra-te, mãe, do que o Winny contou a noite passada, a respeito

de uma desconhecida que percorre o país sempre que está para acontecer uma calamidade ou uma guerra?

Brigith- Deixa-nos em paz com o Winny mais as suas histórias, e vai abrir a porta ao teu irmão. Pareceu-me ouvir-lhe os passos.

Peter: Espero que traga o dote da noiva, para o pormos a bom recato; não vá aquela gente voltar atrás, que bastante trabalho me deu a convencê-los...

(Patrick abre a porta e entra Michael)

Brigith-Porque te demoraste tanto, Michael? Estávamos impacientes à tua espera.

Michael-Passei por casa do prior, para lhe recomendar que tivesse tudo em ordem para amanhã.

Brigith- E ele que disse?

Michael- Que eu e a Della fazemos um lindo par, e que nunca celebrou nenhum casamento que lhe desse tanta alegria como o nosso.

Peter- E o dote, touxeste-o?

Michael-Trouxe, sim, pai. (Põe uma bolsa em cima da mesa) Aqui está.

(Em seguida cruza a cena em direcção à chaminé, à qual se encosta.

Durante este tempo, Brigith examina o fato de casamento, experimenta a resistência das costuras e dos forros das algibeiras, etc., colocando-o em seguida sobre o aparador.)

Peter-(que entretanto se levantou, pega na bolsa, da qual tira as moedas, que espalha sobre a mesa): Podes gabar-te, meu rapaz, de que o teu pai soube defender convenientemente os teus interesses. O velho, Shawn Cahel queria entregar só metade do que tínhamos combinado-"peço menos até nascer o primeiro filho", dizia ele. "Não, meu caro Shawn", respondi-lhe eu, "antes da tua filha entrar na sua nova casa, as cem libras devem estar inteirinhas em poder do Michael". Depois a mulher meteu a sua colherada na conversa e fechámos negócio.

Brigith- Como te dá gozo mexer nesse dinheirinho, hein, Peter?

Peter-Esta sorte não tive eu...Quem me dera a mim ter caçado também cem libras, ou mesmo vinte que fossem, quando me casei contigo...

Brigith- Pois sim...Se não foi muito o que eu te dei, olha que também não foi mais o que me deste...Sim, que fortuna era a tua, no dia em que nos casámos? Quatro ou cinco galinhas, dois ou três carneiros, e mais nada...(Zangada, bate com o jarro em cima da mesa) Mas se eu não levei dote nenhum, o dote arranquei-o eu do meu corpo, quando pus no mundo o nosso Michael, que é agora um rei, e enquanto eu tenho de cavar as batatas no quintal, e nada mais peço senão que me deixem trabalhar em paz.

Peter-Lá isso é verdade...(Bate-lhe no ombro para acalmá-lo)

Brigith- Larga-me, larga-me, que eu tenho de preparar a casa para quando chegar a tua nora.

Peter- Ouve, minha velha, tu és a melhor de todas as mulheres da Irlanda, mas olha que o dinheiro também é uma boa coisa...(Torna a mexer nas moedas e depois senta-se). Nunca imaginei que um dia viesse a ter em minha casa toda esta bênção de Deus...Com este dinheiro podemos fazer grandes coisas. Para começar, compram-se aquelas dez ares de terra que estão ao nosso dispor desde a morte do Jamsie Dempsey. Depois vamos comprar gado à feira de Ballina. Ouve lá, Michael, a tua noiva não te pediu nada para ela?

Michael- Não, nada. Ela não se interessa por essas coisas.

Brigith- E não é para admirar. Porque havia ela de se preocupar com o dinheiro, quando tem um mocetão ~~bonito~~ simpático e bonito como tu para lhe regalar a vista? Orgulhosa deve ela sentir-se por casar contigo! Ajuizado como és, saberás fazer bom uso do dinheiro, e não vais gastá-lo em vinho, como fazem tantos por aí.

Peter-Também ao nosso Michael interessa-lhe mais a sua mulher que o dote trazido por ela, não é verdade? Michael?

Michael-(aproximando-se da mesa) Claro que um homem sempre gosta de ter a seu lado uma mulher nova e bonita que saia com ele de passeio. O dote dura pouco, mas a mulher é para toda a vida.

Patrick-(voltando-se da janela) Lá se torna a ouvir a algazarra na cidade. Talvez tenham desembarcado os cavalos que vieram de Emniscrone.

Michael- Cavalos? Cavalos para quê? Hoje não é dia de mercado. Anda, Patrick, dá um pulo lábaixo e vai ver o que se passa.

Patrick-(abre a porta, e vai para sair, mas detém-se um instante no limiar) Achas que a Delia não se esquece de trazer aquele cachorrinho que me prometeu?

Michael- Não esquece, com certeza. Anda, avia-te.

(Patrick sai, deixando a porta aberta)

Peter- E agora não tarda que chegue a vez do Patrick. Temos que lhe arranjar também um bom dote. Mas não há-de ser tão fácil. O Patrick ainda não tem ofício certo.

Brigith- Já pensei nisso. E agora que as coisas nos estão a correr bem, com os Cahel do nosso lado- sempre é gente de influência e que nos pode ser útil- e a Delia que tem um tio padre, talvez púdessemos meter o Patrick na carreira eclesiástica. Como ele gosta tanto de livros...

Peter- Dá tempo ao tempo, mulher! Nunca te cansas de fazer projectos!

Brigith- Graças a Deus, podemos pagar-lhe os estudos, e não é preciso que ande a vaguear pelas estradas, como esses estudantes que vivem de esmolas...

Michael- Mas lá em baixo não param de gritar! (Vai à porta e aí se deixa ficar por instantes, olhando para fora, pondo a mão em pala sobre os olhos)

Brigith- Vês alguma coisa?

Michael- Vejo só uma velha a subir o atalho, em direcção à nossa casa.

Brigith- Quem será? Talvez a mesma que o Patrick viu Há bocado?

Michael- Não creio que seja alguma vizinha... Mas não consigo ver-lhe a cara: traz o manto descido até aos olhos.

Brigith- É talvez uma mendiga que soube do teu casamento e vem

pedir esmola.

Peter- Nesse caso é melhor esconder o dinheiro. Não é prudente deixá-lo à vista de estranhos. (Dirige-se a uma arca que está a um canto da cena, onde guarda a bolsa, fechando-a em seguida a cadeado.)

Michael-Ela aí vem, pai. (Uma velha passa lentamente em frente da janela e, ao passar, lança uma longa mirada sobre Michael)

Para falar verdade, não me agrada ver pessoas estranhas em casa, na véspera do meu casamento.

Brigith- Abre-lhe a porta, Michael, não faças esperar a pobre mulher.

(Entra a Peregrina. Michael afasta-se para a deixar passar)

A Peregrina- Deus vos abençoe a todos.

Peter- E a si também.

A Peregrina- Bonita casa é a vossa.

Peter- Pois seja bem-vinda a ela.

Brigith- Sente-se ao pé da lareira e descanse.

A Peregrina- (senta-se à lareira e aquece as mãos): O vento sopra lá fora...

(Michael, junto da porta, observa-a atentamente. Peter aproxima-se da mesa)

Peter- Foi grande, hoje, a sua caminhada?

A Peregrina- Sim, venho de muito longe... Poucos terão andado tanto como eu, e muitos foram os que me negaram hospitalidade. E um deles tinha filhos robustos, que eu julgava que fossem meus amigos, mas quando me aproximei puseram-me a tosquiar ovelhas, e nem sequer a saudação me deram.

Peter- É triste, na verdade, não ter um tecto para se abrigar!

A Peregrina- Há muito tempo já que vagueio pelo mundo...

Brigith- E é para estranhar que não esteja ainda exausta.

A Peregrina- Às vezes os meus pés estão cansados e as minhas mãos descansam, mas dentro de mim o meu coração não conhece a paz nem o sossego. E quando as pessoas me vêem assim tranqüila, pensam que a velhice já entrou em mim e que nenhuma inquietação pode já afligir-me. Mas de repente a angústia e a confusão apossam-se de mim, e eu sinto a necessidade de me levantar, de seguir o meu caminho e procurar os meus amigos.

Brigith- Alguma coisa a obrigou a errar assim pelo mundo?

A Peregrina- Os estrangeiros que invadiram a minha casa.

Brigith- Na verdade, o seu aspecto é de quem sofreu muito...

A Peregrina- Sim, tenho sofrido bastante.

Brigith- E o que foi que a fez sofrer?

A Peregrina- Roubaram-me as minhas terras.

Peter- E eram muitas?

A Peregrina- Quatro verdes campos, formosos como nenhuns outros.

Peter-(à parte, a Brigith) Não será a viúva Casey, que foi esbulhada há tempos das suas propriedades de Kilgass?

Brigith- Não, não. A essa encontrei-a uma vez na feira de Balina e é uma mulher ainda na força da vida.

Peter-(à Peregrina) Não ouviu gritar, quando vinha em direcção a nossa casa?

A Peregrina- Ouvi. E pareceu-me aquele clamor de festa quando outrora os meus amigos vinham ao meu encontro. (Começa a entoar uma canção, como que só para si:)

Donough, o dos cabelos de oiro,
foi ontem a enterrar,
seu corpo num lençol branco,
mais branco do que o luar,
à volta do seu pescoço
uma corda de enforcar.

Michael-(descendo na direcção de Peregrina) Que balada é essa que está cantando?

A Peregrina- Canto a história de um homem que eu conheci há ⁷tempos, um homem que tinha os cabelos cor de oiro e se chamava Donough e foi enforcado em Galway. (Recomeça a cantar, agora mais alto)

Tornam meus olhos a vê-lo
os seus campos a lavrar
em longos sulcos vermelhos
que lembram ondas do mar.
Donough, teus loiros cabelos
não voltarão a brilhar.
Ah! se fosse em Enniscrone
a fofca havíamos de derrubar!

Michael-E porque foi que o mataram?

A Peregrina- Pelo amor que me tinha. São muitos os que morreram por amor de mim.

Peter-(à parte, a Brighth) Coitada, o sofrimento fez-lhe perder a razão.

Michael-Quando foi composta essa balada? Quando morreu esse homem de que ela fala?

A Peregrina- Há pouco tempo, meu filho, há pouco tempo...Mas antes dele já morreram porque também me queriam.

Micael- E todos eles viviam junto de si?

A Peregrina- Senta-te aqui ao pé de mim, e eu te falarei deles.

(Michael senta-se à lareira, ao seu lado) Havia um homem loiro da raça dos O'Donnell, ao norte, e outro da raça dos O'Sullivan, ao sul, e outro ainda chamado Brian, que perdeu a vida em Clontarf, junto ao mar, e muitos outros mais. Alguns morreram há séculos, e outros hão-de morrer amanhã.

Michael- E é na costa ocidental que esses amanhã hão-de morrer?

A Peregrina- Chega-te mais para junto de mim, meu filho...

Brigith- (a Peter) Achas que ela está em seu inteiro juízo?

Peter- Não sabe o que diz...Mas também não admira: com as privações e os trabalhos que tem sofrido...

Brigith- Coitada! É preciso fazermos alguma coisa por ela.

Peter- Dá-lhe uma caneca de leite e uma fatia de folar.

Brigith- E se lhe dêssemos também algum dinheiro? Um soldo ou mesmo um xelim...Agora que temos tanto em casa, não íamos ficar mais pobres por isso.

Peter-(contrariado) Se começamos a deixar assim a nossa fortuna pela janela fora, acabamos por ficar tão pobres como dantes.

Brigith- Tem vergonha, homem, de pensar dessa maneira! Anda, dá-lhe um xelim, se não queres que a nossa boa estrela nos abandone.

(Peter vai ao cofre e tira da bolsa um xelim. Entretanto, Brigith pergunta à Peregrina:) Quer um pouco de leite, boa mulher?

A Peregrina- Não é de comer nem de beber que eu preciso.

Peter-(oferecendo-lhe o xelim) Aqui tem para si.

A Peregrina- Também não preciso de dinheiro.

Peter- De que precisa, então?

A Peregrina- Se alguém quiser auxiliar-me, terá de se oferecer a si próprio.

(Peter aproxima-se da mesa, olhando de revés para o xelim que tem na mão, falando em seguida com brigith em voz baixa)

Michael-(à Peregrina) E não tem ninguém que olhe por si, na sua idade?

A Peregrina- Ninguém... Com tantos homens que me amaram, a minha casa ficou vazia e o meu leito deserto.

Michael- E anda sempre assim, sózinha, pelas estradas?

A Peregrina- Sózinha não...Acompanham-me os meus pensamentos e as minhas esperanças.

Michael- E que esperanças são as suas?

A Peregrina- A esperança de reaver os meus verdes campos, a esperança de expulsar os estrangeiros da minha casa.

Michael- E como espera consegui-lo?

A Peregrina-Tenho amigos fiéis que estão agora a reunir-se para vir em meu auxílio. Nada receio. Se hoje estão vencidos, amanhã ressurgirão(Levanta-se) Já os sinto aproximarem-se, encaminharem-se para mim, e eu tenho de ir ao seu encontro desejar-lhe as boas vindas.

Michael- E eu irei também consigo.

Brigith-Michael, Michael, não são os amigos dela que tu deves ir saudar, mas sim a tua mulher, que de manhã em diante viverá em nossa casa. (Para a Peregrina): Talvez vossemecê não saiba que o meu filho casa amanhã.

A Peregrina- Não é um homem que vai casar aquele que eu procuro, aquele que há-de salvar-me.

Peter-(a Brigith) Mas quem será afinal esta mulher?

Brigith-(à Peregrina) Não nos disse ainda como se chamava.

A Peregrina-Chamam-me alguns a Peregrina, e outros Cthleen, a filha de Houlihan.

Peter- Conheci um homem que usava esse nome, mas não me recordo quando e onde. Deve ter sido há muitos anos...Mas não, não. Agora me lembro. Foi numa canção que eu ouvi esse nome.

A Peregrina-(de pé, junto à porta) E admiram-se de que o meu nome seja cantado? Muitas canções e baladas têm sido escritas em meu louvor. Ainda esta manhã ouvi uma, que o vento transportava nas suas asas. (Canta):

Não soltem grandes lamentos
Quando abrirem as sepulturas amanhã
Não chamem as carpideiras
para os funerais de amanhã .
Não convidem forasteiros
para as vigílias de amanhã.
Não gastem dinheiro em resposos
pelos mortos que morrerem amanhã.

Michael- Não compreende o sentido dessa canção...Mas diga-me, o que posso eu fazer por si?

Peter- Michael...Vem para aqui.

Michael- Cala-te, pai. Deixa ouvir.

A Peregrina- Aqueles que acodem em meu auxílio têm uma pesada missão a cumprir. Muitos que têm hoje a face cor de púrpura, terão um dia a face emaciada; muitos que eram livres de passear pelas praias, pelas colinas, pelos pântanos, serão obrigados a caminhar em ásperas estradas de países longínquos; muitos projectos não chegarão a realizar-se; muitos que enriqueceram não poderão gastar o seu dinheiro; e muitas crianças que hão-de nascer não terão quando forem baptizadas, um pai que lhe dê o seu nome. E apesar disso, todos eles hão-de sentir-se bem recompensados.

(a Peregrina sai. Fora, ouve-se a sua voz dasaparecer ao longe, enquanto canta):

Serão lembrados eternamente
e eternamente estarão vivos
e a sua voz há-de ouvir-se
eternamente.

Brigith- (a Peter, apontando Michael, que ficou estático, no limiar da porta, vendo a Peregrina afastar-se) Olha para ele, Peter, olha para ele! Parece que ficou assombrado! (Elevando a voz)

Michael, anda ver o teu fato dé noivado. Vê como é lindo! Devias prová-lo agora, pois seria uma pena se não te ficasse bem e o rapazio fixesse troça de ti. Anda, vai para o teu quarto vesti-lo.
(Põe-lhe o fato nos braços)

Michael- (alheado, como em sonhos) De que noivado estás tu afalar, mãe? que fato é esse que eu devo vestir?

Brigith- Essa agora!...O fato que terás de pôr amanhã, na cerimónia do teu casamento com Delia Cahel.

Michael- Ah, sim, já não me lembrava...

(Olha o fato, e depois encamãha-se a passos lentos para o outro quarto, mas ouvindo as vozes e os gritos que se acercam, pára a escutar)

Peter- O clamor aproxima-se...Mas que demónio terá acontecido?

(Entra a multidão dos vizinhos e parentes, e com eles Patrick e Delia).

Patrick-Aportaram navios à baía. Os franceses estão a desembarcar em Killala?

(Peter retira o cachimbo da boca, descobre-se e fica como que petrificado. O fato cai das mãos da Michael).

Delia-Michael! (Este parece não dar por ela) Michael! (Michael, em silêncio, volta-se para ela) Porque olhas para mim dessa maneira, como se eu fosse uma estranha?

Patrick-(da porta) Os rapazes descem pela colina abaixo e vão ao encontro dos franceses!

Delia- Mas tu não vais ao encontro deles, pois não, Michael?

Brigith-(aPeter) Peter, dize-lhe tu que não vá.

Peter-Para quê? Não vês que ele já não ouve uma só das nossas palavras?

Brigith-Tenta, procura convencê-lo...

Delia-Michael! Michael! Não me abandones! Tu não vais juntar-te a aos franceses, agora que nos vamos casar! (Passa-lhe os braços à volta do pescoço; Michael volta-se para ela como se fosse para ceder. Mas neste momento ouve-se, fora, a voz da Peregrina cantando)

A Peregrina(ao longe)

Eternamente estarão vivos
e a sua voz há-de ouvir-se
eternamente

(Michael separa-se bruscamente de Delia, corre à porta, detém-se no limiar um breve instante, e depois sai atraído pela voz da Peregrina. Brigith abraça Delia, que chora em silêncio)
Peter(pondo uma mão no ombro de Patrick)-Não encontraste uma velha que descia pelo atalho?

Patrick-Não, pai...Vi uma rapariga que caminhava como se fosse uma rainha...

(Separador final)